



A SEXUALIDADE NA CONCEPÇÃO DOS PEDAGOGOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ANA PAULA BUENO PEREIRA¹
DEANDERSON VIANA DEARAUJO²
ADRIANE WECKERLIN BELLO³

RESUMO

A escola por se tratar de um ambiente plural de conhecimentos também possui uma forte influência no que se refere a sexualidade, no entanto na maioria delas este assunto não possui abertura para que seja falado ou discutido, por mais que não seja um assunto novo (Sayão, 1997). Pois apesar da sua importância, a sexualidade ainda é pouco explorada na escola, especialmente quando se trata da sexualidade de crianças, devido a preconceitos, tabus e crenças relacionados ao tema (Rodrigues & Wechsler, 2014). Considerando que sexualidade faz parte da vida de todos os seres humanos e que cotidianamente recebemos influências de educação sexual das mais variadas esferas da sociedade, a escola pode ser considerada um ambiente propício para a socialização e troca de conhecimentos, considerando que os alunos passam boa parte do seu tempo nela e estão no mesmo estágio de desenvolvimento (Pecorari et al., 2005). Dado isso, este trabalho teve como objetivo principal apresentar a concepção dos professores sobre lecionar o tema sexualidade na educação básica. Para alcançar este objetivo os dados foram obtidos através de um questionário respondido por 16 professores de uma escola pública do município de Várzea Grande, Mato Grosso. Como resultados, encontramos que a maioria dos educadores apoia que a sexualidade seja trabalhada na escola, porém que estes conhecimentos sejam transmitidos com maior frequência pelos pais. Além disso, a maioria dos professores julga possuir algum conhecimento sobre o assunto. Como conclusão, acreditamos que a falta de conhecimento sobre a sexualidade pelos professores não é o que os impede de trabalhar este tema, mas que é necessário haver uma mudança na forma de pensar dos próprios educadores e da comunidade escolar como um todo para que de fato o trabalho com a educação sexual possa ser concretizado. As principais referências bibliográficas utilizadas foram de autores como Aquino (1997), Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais (1998), Louro (2006), Sayão (1997) e Suplicy (1995).

Palavras-Chave: sexualidade, educação sexual, PCNs

1 INTRODUÇÃO

¹Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia da turma PDN 13/1. Período 216/2.

²Acadêmico do 8º semestre do Curso de Pedagogia da turma PDN 13/1. Período 216/2.

³Professora Orientadora. Mestre em Educação e professora do Curso de Pedagogia UNIVAG.

A sexualidade faz parte da vida de todos os seres humanos, pois cotidianamente recebemos influências de educação sexual oriundas das mais variadas esferas da sociedade, tais como a família, a religião e os meios de comunicação. Para Rodrigues e Wechsler (2014), uma das suas principais importâncias está na formação do indivíduo, uma vez que a sexualidade envolve processos de aprendizagem que se iniciam na infância e que posteriormente são complementados por diferentes agentes de socialização, por exemplo, a escola. Apesar da importância do tema sexualidade, o estudo do assunto ainda é pouco explorado no que refere ao ambiente escolar, especialmente quando se trata da sexualidade de crianças, devido a preconceitos, tabus e crenças relacionados ao tema.

Sayão (1997), afirma que desde o século XVIII já se pensava numa possibilidade de se falar em educação sexual nas escolas, os educadores da época já se preocupavam com a sexualidade infantil e suas manifestações, que são despertadas rapidamente. Mas com o passar do tempo, a ideia maior foi ignorar cada vez mais a curiosidade das crianças para preservar a pureza infantil. Contudo, a partir de novas demandas na sociedade, abre-se a possibilidade para trabalhar e discutir o tema sexualidade no ambiente escolar. Nisso, a escola pode ser considerada um ambiente propício para a socialização e troca de conhecimentos, considerando que os alunos passam boa parte do seu tempo nela e estão no mesmo estágio de desenvolvimento (Pecorari et al., 2005). Por outro lado, a maioria dos professores ainda não sabem ou preferem não abordar o assunto em sala de aula.

A partir da vivência do estágio supervisionado, em que o tema sexualidade foi trabalhado em sala de aula, percebemos que lecionar o assunto é um verdadeiro tabu para os professores. Deste modo nos despertou o interesse em realizar uma pesquisa para buscar conhecer a concepção dos professores em lecionar sobre o tema. A pesquisa será realizada utilizando a técnica de entrevista classificada como semiestruturada, considerada a sua relevância em estudos científicos. Segundo Moresi (2003), esta abordagem de pesquisa é uma combinação das entrevistas estruturadas, que são aquelas que apresentam um conjunto de questões em que o pesquisador administra e as abertas que possuem um conjunto de questões que não são específicas nem fechadas.

Na pesquisa semi-estruturada há o momento das perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres, o questionário é um ordenado de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. Deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. Este questionário é uma

adaptação de Abreu (2010) e por fim readaptado para destinar-se à realização desta investigação na área da educação, sendo garantido o total anonimato, confidencialidade e proteção dos dados dos participantes. O questionário está organizado na seguinte ordem, para cada item apresentado, os participantes escolhem as opções de múltiplas escolhas que melhor se ajustam à sua situação particular, também respondendo às questões dissertativas, quando for caso disso.

Serão realizadas as seguintes perguntas:

Qual é seu gênero, masculino, feminino ou outros?

Qual sua idade? Estado civil, solteiro (a), casado (a) ou outros?

Se tem filhos responda, sim ou não?

Área do conhecimento que está lecionando?

Especifique o ano da turma em que se encontra; 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano, 5º ano ou outra situação? Especifique?

Em sua opinião a orientação sexual é um assunto que deve ser trabalhado na escola pelos professores? Se sim ou não por quê?

Considerando a importância da orientação sexual na escola, quanto ao seu início, qual ano ou período julga que ser mais adequado para abordá-la?

Em sua opinião, quais estratégias são mais eficazes para orientação sexual na sala de aula?

Ou não se deve falar sobre nenhum assunto a respeito de sexualidade? Porque?

Abaixo há uma listagem de possíveis fontes de informação no domínio da orientação sexual. Para cada item assinale o grau de importância que atribui à respectiva fonte e também sua frequência de utilização; nunca deve fazer orientação sexual?

Algumas vezes deve fazer orientação sexual? Muitas vezes se deve fazer orientação sexual?

Qual é o grau de importância da orientação sexual?

Não é importante fazer orientação sexual?

É importante fazer orientação sexual?

É muito importante fazer orientação sexual?

A quem se atribui à respectiva fonte; pais, outros familiares, imprensa escrita / Televisão, colegas, amigos (as), linha de informação / telefone de ajuda, internet, professores, profissionais de saúde, padre / grupo religioso ou livros especializados?

Já participou de algum, curso, seminário, programa ou aula sobre Educação Sexual? Sim ou Não? Se participou de algum, em que contexto?

No Ensino Básico, na Universidade, nos serviços de Saúde, na Igreja (ou local de culto) ou outros? Especifique?

Em sua opinião, quais assuntos devem e quais não devem ser trabalhados na escola em relação à sexualidade?

Numa situação hipotética em que você necessite trabalhar a temática orientação sexual com seus alunos, dentre as opções abaixo quais considera mais adequadas? Palestras, vídeos/filmes educativos, roda de conversa, dinâmicas e jogos ou outros? Se outros quais?

Que nível de conhecimentos julga possuir em relação a temas relacionados com a sexualidade; nenhum, muito baixo, baixo, médio, alto ou muito alto?

Dado que a educação sexual está prevista nos PCNs, mas que de fato não exista no ambiente escolar, o objetivo geral deste trabalho será apresentar a visão dos professores sobre lecionar o tema sexualidade na educação Básica. A presente pesquisa teve como objetivo a participação de 30 professores, mas apenas 16 educadores entre 27 a 50 anos de idade participaram. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semi-estruturado, que continha oito perguntas sobre a opinião do educador referente ao tema e práticas pedagógicas que podem ser utilizadas em sala de aula. Esta pesquisa foi realizada entre 7 a 11 de setembro de 2016, na Escola municipal de Educação Básica Salvelina Ferreira da Silva, localizada no bairro Maringá III, em Várzea Grande, Mato Grosso.

2 SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

A sexualidade no ambiente escolar é compreendida como algo proibido, porque se trata de uma temática extremamente associada a preconceitos, tabus e crenças (Rodrigues & Wechsler, 2014). Assim as pessoas fazem estereótipos em relação a educação sexual, generalizando determinados saberes, muitas vezes, pejorativos e causando assim um impacto negativo. Mas considerando a escola no processo de formação do indivíduo, a sala de aula pode ser um espaço privilegiado para a expressão da cultura, incluindo tensões, contradições e conflitos. Por mais que seja um tema dos mais delicados, pois conseqüentemente contribui para a existência de dilemas pedagógicos, como questões do tipo: o que? Para quê? Por que? Além das perguntas dos

professores de como orientar a sexualidade dos alunos. Uma das formas de lidar com essas questões, é colocando-as no projeto pedagógico da escola, que leve em consideração a educação sexual como um processo educativo interdisciplinar. Além disso, também é importante o interesse e apoio de toda a comunidade escolar e pais, para que seja realizado um bom trabalho envolvendo o tema com os alunos.

Muitos autores apoiam que a escola deva ser um lugar para se trabalhar a sexualidade, como Suplicy (2000), que afirma que o tema sexualidade deve ser discutido nas escolas, pois, se nem a escola que é um ambiente plural de conhecimento a discutir, o rótulo de que seja um tabu será reforçado, abrindo espaço para que os alunos busquem esses conhecimentos em outras fontes.

Aquino (1997) mostra um outro ponto de vista sobre sexualidade e escola.

É preciso levar em conta que, no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação / sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final, indigesta. Em todo, caso, é inegável que juntos, sexo e escola configuram um campo de tensão, instabilidade, e, em última instância, de acentuado mal-estar (p.7).

Por outro lado, um aliado para a implementação da educação sexual nas escolas foram os PCNs, neles é encontrado que a orientação sexual deva ser trabalhada em sala de aula. Os PCNs também trazem várias sugestões para os professores de diferentes formas de abordagens de assuntos relacionados a sexualidade, com o objetivo de sanar os mitos exposto na sociedade e trazido para a escola pelos alunos. Tão grande a importância desse assunto, que os PCNs abordam a “Orientação Sexual” como um dos Temas Transversais, ou seja, tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma esclarecendo que ao trabalhar Orientação Sexual, cabem as áreas de conhecimento tratar o tema de acordo com sua proposta de trabalho.

Os conteúdos sobre sexualidade apresentados nos PCN estão organizados em três blocos:

1. Corpo: matriz da sexualidade

As transformações do corpo do homem e da mulher nas diferentes fases da vida, dentro de uma perspectiva de corpo integrado, envolvendo emoções, sentimentos e sensações ligadas ao bem-estar e ao prazer do autocuidado; os mecanismos de concepção, gravidez e parto e a existência de métodos contraceptivos; as mudanças decorrentes da puberdade: amadurecimento das funções sexuais e reprodutivas; aparecimento de caracteres sexuais secundários; variação de idade em que inicia a puberdade; transformações decorrentes de crescimento físico acelerado; o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro; o respeito aos colegas que apresentam desenvolvimento físico e emocional diferentes; o fortalecimento da autoestima; a tranquilidade na relação com a sexualidade (p. 98).

2. Relações de gênero.

A diversidade de comportamento de homens e mulheres em função da época e do local onde vivem; a relatividade das concepções tradicionalmente associadas ao masculino e ao feminino; o respeito pelo outro sexo, na figura das pessoas com as quais se convive; o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino (p. 100).

Mas, por mais que professores trabalhem o tema sexualidade em sala de aula, não cabe somente a escola a tarefa de orientar os educandos aos anseios sexuais, isso também pode ser passado pelos pais. No entanto há quem apoie que os conteúdos sobre sexualidade sejam de responsabilidade exclusivamente da família, por se tratar de uma questão pessoal e que diz respeito apenas a própria pessoa. Contribuindo desta forma para que a sexualidade no ambiente escolar não possua abertura para que de fato aconteça. Além disso, muitas vezes os conteúdos que deveriam ser trabalhados pelos professores são negligenciados, isto pode acontecer porque em geral os professores não tem em sua formação conteúdos referentes a sexualidade. Sendo que uma aliada para o estudo da sexualidade é a psicanálise.

Souza (1997) fala no atributo da psicanálise para a educação sexual.

A psicanálise fez da sexualidade um conceito fundamental dentro de sua teoria, e assim, inevitavelmente, os educadores creem que os psicanalistas tenham algo a dizer quando se fala sobre sexualidade e escola. Se não for por aí, para que serviria a psicanálise para educadores? Quando se sabe algo sobre a teoria psicanalítica, o que fazer na escola, com o conceito tão infável quanto o de inconsciente, senão admitir sua existência nas relações educativas, e depois seguir em frente? Essa análise apressada é a da maioria, não só de educadores, mas também de psicólogos, ao pensar as relações entre psicanálise e educação. A psicanálise é, é assim quase desconhecida pelos educadores. Se for muitas vezes forçosa sua inclusão num curso de formação de professores porque constitui uma referência forte para entender o pensamento contemporâneo, sua utilidade prática e seu valor analítico, quando se trata de pensar os problemas da sala de aula, frequentemente é colocado em dúvida, e as referências a ela vêm matizadas de ceticismo (p.11).

Souza (1997) pontua que aprofundando no currículo escolar a psicanálise está distante dos professores, enquanto que por sua vez deveria ser a principal aliada no estudo, não só no sentido psicológico cognitivo Piagetiano, mais dando continuidade em todo o processo educativo. Também Freud, o pai da psicanálise diz muito das zonas erógenas como manifestações sexuais infantis e suas fases, que aqui citarei algumas delas: fase oral, anal, fálica e genital. O estágio oral faz referência primária no ato de sugar a mama através da boca, obtendo prazer através da estimulação oral. Na fase anal a criança aprende a controlar suas necessidades corporais como a defecação, tendo sentimento de realização e independência, que se inicia em muitas crianças a partir dos dois

anos de idade estendendo até seis anos. Segundo Pontalis (2001) a fase fálica e genital são a organização da libido psíquico que vem depois das fases oral e anal e faz pulsões dos órgãos genitais. Mas, o que já não será o caso na organização genital pubertária, a criança, de sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino, e a oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado.

Para Freud o desenvolvimento das fases libidinal (oral, anal e fálica) não é só mais um privilégio da zona erógena do corpo em um determinado momento do desenvolvimento da criança, mas são inscrições no psiquismo que se dão entre as relações das crianças com os adultos (Zornig, 2008). De acordo com Oliveira (2006), o fato dos professores não ter sido preparado para uma prática pedagógica em que a sexualidade esteja inserida, não impede de que a educação sexual seja trabalhada no cotidiano da sala de aula. Muitas vezes o que ocorre é que esses conteúdos ficam restritos aos professores das áreas de Ciências, que trabalham com conteúdo sobre o sistema reprodutor feminino e masculino, por exemplo, (Aquino & Martelli, 2012). Mas mesmo quando considerado as informações e orientações a respeito da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, embora sua importância não esgotam a compreensão e problematização da biologia sexual, de modo que pode ser explorada de diferentes formas. No entanto assuntos oriundos a educação sexual não cabe somente a professores de ciência ou biologia, pois a manifestação de interesse pelos alunos pode despertar em qualquer momento, sendo independente do tema exposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do perfil dos educadores, com informações sobre gênero, estado civil e filhos foram analisados de forma descritiva e tabulados (tabela 1). A idade média dos participantes foi de 38,8 anos.

Tabela 1 - Descrição da amostra: frequência absoluta e relativa, baseada no gênero, estado civil e se os participantes possuem filhos ou não.

Gênero				Estado civil						Filhos					
Feminino		Masculino		Casado (a)		Solteiro (a)		Outros (a)		Sim		Não		Não responderam	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
15	94	1	6	10	63	4	25	2	13	13	81	2	13	1	6

N*Frequência

Como visto, a maioria dos participantes (94%) pertencem ao sexo feminino, enquanto apenas 6% são do gênero masculino. Este resultado já havia sido encontrado previamente por Rodrigues e Wechsler (2014), em que 95% de educadores que participaram da pesquisa eram do sexo feminino. Com relação a primeira questão, se a orientação sexual é um assunto que deve ser trabalhado na escola pelos professores, encontramos que 69 % dos participantes, apoiam que a orientação sexual deva ser trabalhada (figura 1). Assim, dando continuidade a resposta acima, para aqueles que responderam sim, que a educação sexual seja trabalhada na escola, quando questionados sobre o porquê, um dos participantes responderam que o assunto deve ser discutido entre a comunidade escolar, principalmente nos anos iniciais e outro porque as crianças estão aprendendo de tudo muito cedo. No entanto os 25% que consideram que não deva ser trabalhado não justificaram o porquê, exceto um que respondeu que é dever da família.

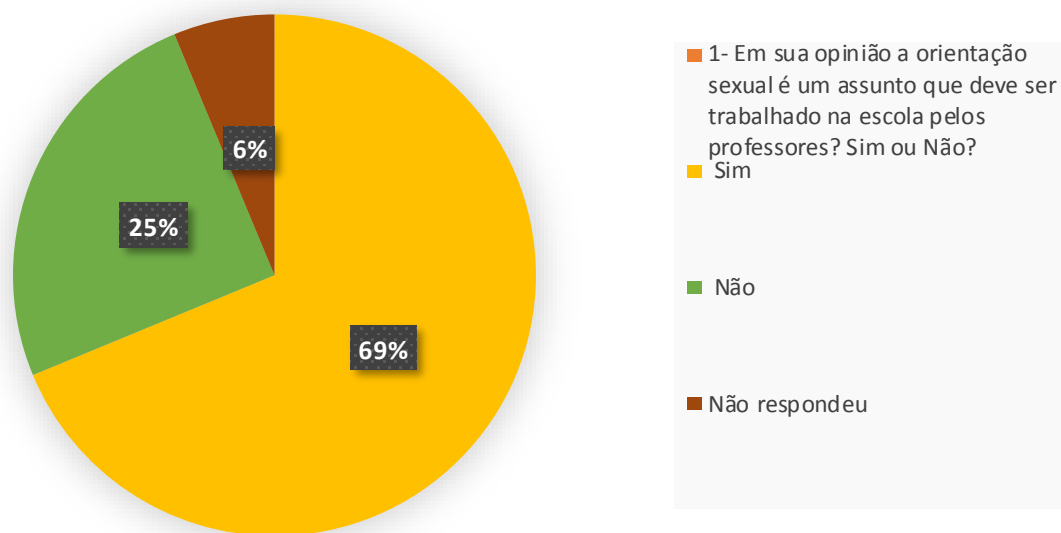


Figura 1. Gráfico mostrando a opinião dos professores em trabalhar orientação sexual na escola.

Na segunda pergunta quanto questionados qual ano ou período julgaram ser mais adequado para abordar a temática, a maioria respondeu que deva ser partir do 5ºano, onde as crianças estão entrando na fase da adolescência ou puberdade (tabela 2).

Tabela 2. Representa as respostas dos professores em relação á pergunta “Considerando a importância da orientação sexual na escola, quanto ao seu início, qual ano ou período julga que ser mais adequado para aborda-la?”

Ano/ Período	Porcentagem
Apartir do 3ºano	13%
Apartir do 4º e 5º ano	6%
Apartir do 5º ano	38%
Apartir do 6º ano	13%
Do 6º ano ao 9º	6%
Ensino médio	6%
Adolescência	6%
Em cada fase	6%
Não responderam	6%
Total	100%

Na terceira pergunta, sobre quais estratégias são mais eficazes para a promoção da orientação sexual na sala de aula, a estratégia palestra foi a mais citada, seguida de filmes, vídeos, historinhas, músicas e livros. Uma pessoa salientou que na aula de ciências que o tema deva ser explorado, por exemplo na abordagem dos órgãos sexuais. Por outro lado, uma delas disse que este assunto não deva ser trabalhado no âmbito escolar e outras duas disse que não trabalha este assunto nos anos iniciais.

Sobre a quarta questão, em relação as possíveis fontes de informação no domínio da orientação sexual, encontramos nas respostas dos professores que os profissionais da saúde, devam ser os mais utilizados, enquanto a maior importância em passar esses conhecimentos é atribuída aos pais (tabela 3).

Tabela 3. Representa as respostas dos professores sobre as possíveis fontes de informação no domínio da orientação sexual. Com a frequência de utilização e o grau de importância que atribui à respectiva fonte.

Fonte	Frequência				Importância			
	Nunca (%)	Algumas (%)	Muitas (%)	Não responderam (%)	Não é importante (%)	É importante (%)	É muito importante (%)	Não responderam (%)
Pais	0	25	50	25	0	25	44	31
Professores	0	31	50	19	0	25	38	38
Internet	19	44	0	38	6	25	13	56
Profissionais da saúde	0	19	56	25	0	19	31	50
Grupo Religioso	13	19	31	38	0	19	31	50

Quanto a quinta pergunta “Já participou de algum, curso, seminário, programa ou aula sobre Educação Sexual? dois professores responderam que receberam orientação sexual na universidade, outros responderão que participaram com projetos na área de educação infantil. E as pessoas que marcaram mais de uma alternativa responderão que participaram no ensino básico, no serviço de saúde, na universidade e na igreja, mas a maioria dos participantes não responderão a essa pergunta (Figura 2).

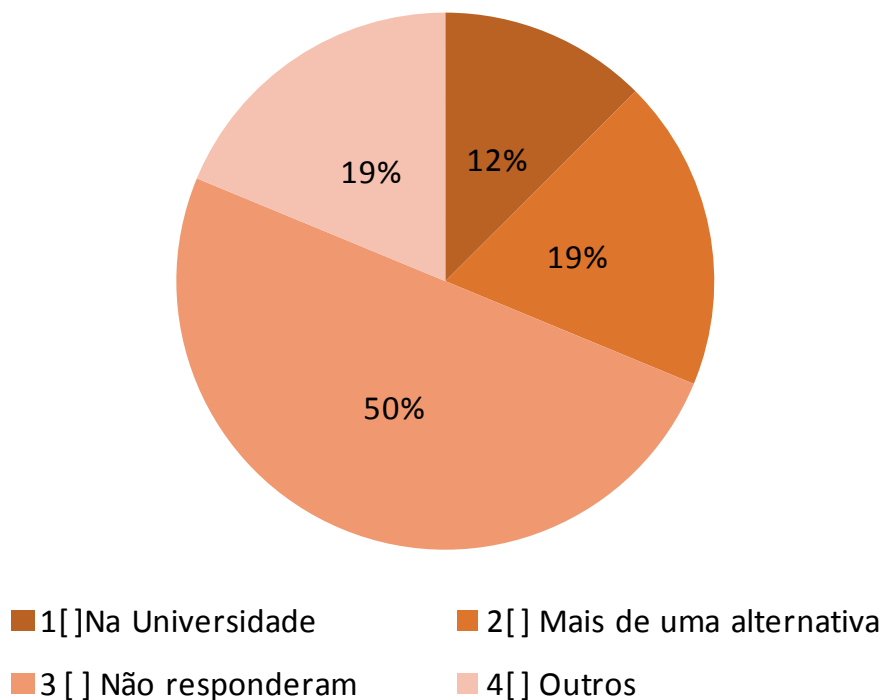


Figura 2. Gráfico mostrando o contexto em que professores participaram de atividades relacionadas á orientação sexual.

Na pergunta de número seis “Em sua opinião, quais assuntos devem e quais não devem ser trabalhados na escola em relação à sexualidade?” alguns professores responderão que deve ser trabalhado de tudo, mas respeitando a faixa etária e que deve ser um tema livre. Além de doenças sexualmente transmissíveis, controle de natalidade e o uso adequado de contraceptivos. Um dos professores responderão que não deve ser trabalhado direitos iguais “mulher com mulher, homem com homem”. Enquanto outro respondeu que deve ser trabalhado assuntos relacionados ao conhecimento e respeito do próprio corpo.

Na pergunta de número sete, com relação ao nível de conhecimento em relação ao tema sexualidade, a maioria dos participantes, ou seja, 56% deles dizem possuir conhecimento médio, 6% não tem nenhum conhecimento relacionado, enquanto apenas 13% consideram ser altamente conhecedores sobre o assunto (figura 3).

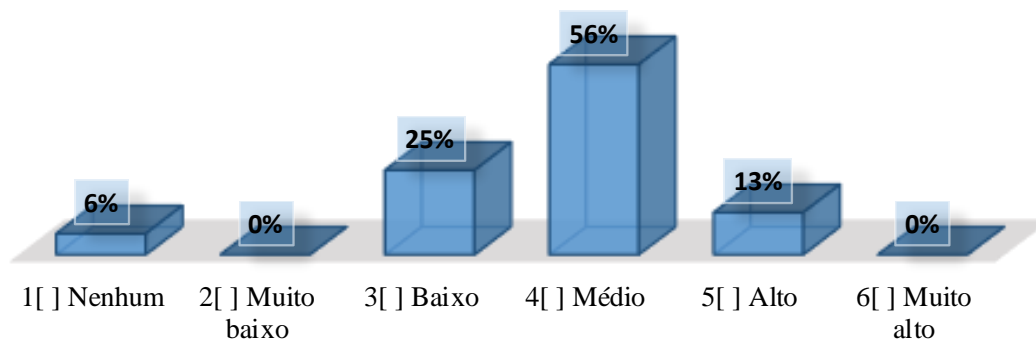


Figura 3. Gráfico mostrando o nível de conhecimentos que os professores julgam possuir em relação a temas relacionados com a sexualidade?

Os resultados encontrados demonstraram o que havíamos esperado previamente da pesquisa em si, que é a negação de muitos professores em abordar o tema sexualidade. Isto ficou bastante

evidente na quantidade de professores que responderam o questionário, de forma que muitas questões foram deixadas em branco, principalmente as mais polêmicas. Como a questão que aborda a importância e frequência das informações no domínio da orientação sexual. Em que encontramos que 56% dos professores consideram que profissionais da saúde devam ser os mais consultados na orientação sexual, enquanto a maior importância em passar esses conhecimentos é atribuída aos pais. De acordo com Louro (2006), algumas pessoas entendem que a educação sexual cabe exclusivamente a família, desta forma acreditam que não é competência da escola trabalhar com este assunto em sala de aula. Contudo alguns docentes consideram que o tema sexualidade seja trabalhado em sala de aula, além disso a maioria deles jugam possuir algum conhecimento sobre o tema. Logo a falta de conhecimento não é o que impedem de trabalhar o assunto na escola.

4 CONSIDERAÇÃO FINAL

Na pesquisa, nós encontramos que muitos professores têm conhecimento e concordam que a educação sexual seja trabalhada na escola, porém pode não ser trabalhada, por exemplo, por que os professores consideram que deva ser mais cabível aos pais e profissionais da área da saúde. Talvez para mudar esta realidade, primeiramente é necessário que a sexualidade seja considerada para toda a comunidade escolar, incluindo os pais como um processo contínuo de transformação e mudança, partindo de um projeto coletivo que atinja os indivíduos, com seus próprios sentidos de sexualidade.

A partir disso, várias estratégias podem ser utilizadas pela escola para alcançar os objetivos propostos na educação sexual, como através de palestras, textos educativos, rodas de conversa. Nisto, a sala de aula também pode representar um verdadeiro laboratório de possibilidades, de modo que os alunos pensem e reflitam sobre eles mesmos. Assim, não há um perfil de educador sexual, pois qualquer pessoa pode discorrer sobre sexualidade, sem a necessidade de se posicionar com uma referência.

De maneira que os temas em relação a sexualidade que serão trazidos para a sala de aula pelos alunos podem ser oriundos do interesse dos mesmos e da sua vivência cotidiana. Variando de acordo com a faixa etária, grau de escolarização e situação socioeconômica. Como conclusão

para a real e verdadeira inserção da sexualidade no ambiente escolar é necessária uma ressignificação da sexualidade e da própria sala de aula, como um espaço democrático, onde os alunos consigam exercer a democracia, expressando opiniões e incertezas.

5 REFERÊNCIAS

- ABREU, J. F. R. **O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva: um estudo correlacional em estudantes universitários**. Tese de Doutorado, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/1249>. Acessado 17 de junho 2016.
- ALENCAR, R. A. et al. **Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes**. Ciênc. educ. (Bauru), Bauru, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132008000100011>. Acessado 17 de junho 2016.
- AQUINO, C; MARTELLI A. C. **Escola e educação sexual: uma relação necessária**. UNIOESTE ANPED SUL, 2012.
- AQUINO, J. G. **Sexualidade na Escola Alternativas Teóricas e Práticas**, 5ª ed. São Paulo: editora summus, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais**. Brasília: MECSEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.
- FREUD, S. **A sexualidade infantil**. Freud S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Ed Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro (RJ): Imago, p. 117-212, 2002.
- LOURO, G. L. **Saúde e Sexualidade na Escola**. Educação Básica, Caderno 4 .3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- MORESI, E. **Metodologia de Pesquisa**. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação da Universidade Católica: Brasília, 2003.
- RAMIRO, L; MATOS, M. G. **Percepções de professores portugueses sobre educação sexual**. Revista de Saúde Pública, v. 42, n. 4, p. 684-692, 2008.
- RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014. 2014.

- SAYÃO, Y. **Sexualidade na Escola Alternativas Teóricas e Práticas**, 5. ed. São Paulo: editora summus, 1997.
- SOUZA, M. C. C. **Sexualidade na Escola Alternativas Teóricas e Práticas**, 5. ed. São Paulo: editora summus, 1997.
- SUPLICY, M. et al. **Sexo se Aprende na Escola**, (GTPOS) Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. 3. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- OLIVEIRA, D. L. L. C. **Saúde e Sexualidade na Escola**, Caderno Educação Básica; 4, 3. ed. Porto Alegre Mediação, 2006.
- PECORARI, E. P. D. N; CARDOSO, L. R. D; FIGUEIREDO, T. F. B. **Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório**. Cadernos de Psicopedagogia, v. 5, n. 9, p. 00-00, 2005.
- POERSCH, K. M; KLIEMANN, B. C. K; TOBALDINI, B. G. **Reflexões sobre o Trabalho com Sexualidade no Ensino Fundamental: Desafios e Possibilidades**. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 8, n. 2, 2015.
- PONTALIS, J. B., & LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise**. Santos: Martins, 2001.
- ZORNIG, S. M. A. J. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões**: Psicol. estud, 13(1), 73-77, 2008.